



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11927 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

ERMELINDA LOPES DE VASCONCELOS: EDUCAÇÃO, SUBJETIVAÇÃO E PODER (1879-1889)

José Gonçalves Gondra - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Patrícia Cardoso da Costa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq; FAPERJ

ERMELINDA LOPES DE VASCONCELOS:

EDUCAÇÃO, SUBJETIVAÇÃO E PODER (1879-1889)

Ainda hoje são muitas as demonstrações relativas à desigualdade de gênero, ainda que seja possível perceber um avanço significativo em relação à superação deste problema quando percebemos que a maioria dos colégios são mistos, que as mulheres têm acesso aos diferentes cursos, podem votar, se candidatar, etc. No censo da educação superior de 2020, temos um percentual de 57% de mulheres matriculadas nos cursos de graduação, isto é, um percentual significativo no número de mulheres no nível superior. Só que nem sempre foi assim, foi preciso um percurso longo de 200 anos, pelo menos, para que se chegar a esse quadro. No século XIX, em 1827, quando foi criada a Lei Geral de Instrução, que procurou organizar as escolas públicas do ensino elementar aparecia, pela primeira vez, o ensino primário para o sexo feminino como uma política pública. A medida, em prol da democratização do acesso à escolarização, determinava que “Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento” (art.11). No entanto, é possível observar que as mulheres tiveram os currículos diferenciados (art. 12). Às mulheres estava previsto um conjunto de saberes destinadas à boa gestão da casa e da vida privada. As disciplinas de ciências exatas, consideradas mais complexas, não eram oferecidas às meninas: apenas contar, ler, escrever, história pátria, religião católica e aulas de corte e costura. A legislação em questão indicava que as estudantes das escolas de primeiras

letras não precisavam de determinados saberes, apenas o suficiente para bem gerir a casa. Essa condição também foi percebida na oferta do ensino secundário, já que este foi oferecido na Corte pelo Imperial o Colégio de Pedro Segundo. No entanto, esta oferta foi exclusiva aos meninos até 1926. Há uma discussão sobre a configuração do corpo discente, já que não havia nenhuma restrição legal, como pode ser percebido na querela que envolveu as filhas do Doutor Barata Ribeiro. Elas chegaram a ser matriculadas, mas tiveram que sair do Colégio de Pedro II para outra instituição (Gondra, 2018). O curso efetivamente só foi oferecido para as meninas no Colégio de Pedro II a partir de 1926. Até esta data, o secundário era ofertado para as meninas na malha privada ou na casa. No que se refere ao curso superior, o Decreto Leôncio de Carvalho, de 1879, previa o ingresso feminino. Se pensarmos que o nível secundário era uma espécie de ponte para o nível superior, não havia motivação para que as mesmas procurassem o ensino secundário. Somente a partir de 1879 essa demanda aumenta e se pode observar a inserção de algumas mulheres no nível superior, principalmente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Também é possível observar a quantidade de mulheres que entraram e o número de mulheres que se formaram. Uma delas, em especial, Ermelinda Lopes de Vasconcelos, se constitui em foco central deste estudo. Ermelinda estudou na Escola Normal, era leitora dos periódicos escritos por e para mulheres, se formou em 1881 e, dois anos depois, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi a 36ª moça a se matricular na Faculdade de Medicina, em 1884. No ano em que Ermelinda se formou, havia 58 formandos, sendo ela a única mulher. Em sua defesa de tese o Imperador D. Pedro II esteve presente. Dois anos após sua formatura, Ermelinda já era conhecida e possuía uma vasta clientela. Essa personagem merece atenção, a partir do momento em que sua vida apresenta traços de resistência e de luta contra o *status quo* - da igreja, da escola, da família, da sociedade, da legislação - em prol da preservação do regime pautado no patriarcado e de uma educação feminina privada. Seu pai foi contra que estudasse na Escola Normal e também se opôs ao seu ingresso na Faculdade de Medicina. No entanto, apesar destas restrições, desenvolveu uma espécie de contra conduta. É, pois, com base nesse conjunto de pistas, que analisamos aspectos da experiência desse sujeito, na chave do cuidado de si ou governo de si, como postulado Foucault (2018, 2020, 2020a). É possível relacionar a caminhada da Ermelinda, no regime da contra conduta ou de resistência como um dos lados positivos do poder? Na tensão do poder em que as mulheres viviam, como essa mulher tensionou e respondeu às relações de poder e como se deram as escolhas, como foi o caminho para o exercício da liberdade? As relações de poder estabelecidas nos oitocentos possibilitaram que a mulher se constituísse como sujeito da escola, seja na condição de aluna, seja na condição de docente, em um aparato escolar complexo, constituído por escolas públicas, privadas, aulas avulsas e nas casas; por exemplo. Para tentar compreender o processo de subjetivação da personagem deste estudo, utilizamos como fontes periódicos oitocentistas (Gazeta de Notícias, Diário de Notícias, Gazeta da Tarde), publicações femininas (Jornal das Moças, O Segundo Sexo, Jornal das Famílias, A Família), bibliografia sobre história das mulheres (Kaastrup, 1983; Perrot, 2019, 2020)) e sobre as mulheres na medicina e alguns estudos de Michel Foucault sobre as artes de existir e relações de poder. Para Foucault (2014, 2010) não há um poder único, vertical, e sim relações de poder. Isso porque ele acredita que nessa

relação de poder há margens para exercício da liberdade. O que isso quer dizer? Isso quer dizer que as relações são alteráveis, reposicionáveis, podendo, inclusive, levar à troca de posições. Ele acredita que as relações de poder e os sujeitos são constituídos nos contextos nos quais se encontram. O cuidado de si é quando o sujeito critica, questiona o regime de verdade no qual se encontra inscrito e busca outros caminhos. O poder-saber pode ser entendido como uma relação articulada: se você exerce o poder, você exerce saber, se você exercita o saber, você exercita o poder. Deste modo, analisamos os discursos de verdade “impostos” nos oitocentos e que serviram de dispositivos para a constituição do feminino na segunda metade do século XIX, com base na experiência selecionada. Até que ponto as condições vividas pela mulher em destaque lhes possibilitaram olhar para si, reconhecer suas vontades e almejar liberdade e construir um certo modo de existir? A pesquisa se encontra em fase no inicial, em busca de mais vestígios que ajudem a compreender aspectos decisivos da trajetória de Ermelinda Lopes de Vasconcelos, o que dá alguma medida da importância deste tipo de investigação para história da educação, na medida em que analisamos qual educação e como a educação serviu de suporte, de motivação para o modo de existir da personagem central deste estudo.

Palavras-chave: Ermelinda Lopes de Vasconcelos; educação feminina; subjetividade; cuidado de si; história da educação feminina

Referências

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 42^a ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. V. I. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. V. III. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GONDRA, José G. **A emergência da escola**. São Paulo: Cortez, 2018.
- KAASTRUP, Diva. M. P. **A mulher na medicina**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.
- MCLAREN, M. A. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2^a ed. São Paulo: Editora Contexto. 2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

Gazeta de Notícias. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em:

Diário de Notícias. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em:

O Sexo Feminino. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706868&pagfis=5>